

OBRAS PRIMAS DO CINEMA ALEMÃO: 1919 - 1930

O cinema alemão viveu seu período de esplendor entre 1919 e 1930: doze anos de muitas obras-primas.

Duas escolas marcaram esse tempo, a do expressionismo e a do Kammerspiel. Mas, se pode dizer que elas não esgotam as tendências estéticas da grande Alemanha cinematográfica, tão fundamentais tôdas na sua contribuição para a cultura fílmica, inclusive pela inspiração que trouxeram para cineastas eminentes de outros países.

Uma retrospectiva daqueles anos pode realmente mostrar que, para a história da ideologia no cinema, os alemães foram tão mais importantes do que outros povos, como os americanos e os soviéticos, que então também viveram a sua fase de ouro. E chega a surpreender que nunca mais, depois de 1930, mesmo considerando-se o obscurantismo nazista, fôsse reencontrada a grandeza perdida.

Dos grandes filmes históricos de Ernst Lubitsch — no exemplo de "Madame Dubarry" — até à trágica visão anti-guerreira de G. W. Pabst — do tipo de "Westfront 1918" —, passam as correntes dramáticas do sinistro e do fantasmal — que têm em "Das Kabinett des Dr. Caligari" de Robert Wiene e seu início célebre, mas certamente em "Nosferatu", de F. W. Murnau, o seu auge estético — e do realismo psicológico — a alcançar em "Nju" de Paul Czinner, "Varieté" de E. A. Dupont, "Der letzte Mann" de Murnau, "Die freudlose Gasse" "Die Liebe der Jeanne Ney" e "Die Büchse der Pandora", tôdas de Pabst, momentos decisivos.

O fantástico social torna-se presente: "Der Student von Prag", de Henrik Galeen, "Metrópolis", "Spione" e "Dr. Mabuse, der Spieler" de Fritz Lang, "Hintertreppe" de Paul Leni e "Die Strasse" de Carl Grune.

Ao seu lado um documentário da própria vida social, embora sob o influxo imaginoso de uma montagem recriadora, "Berlin, Symfonie einer Grossstadt", de Walter Ruttmann.

Nem falta o mitológico de "Krimhilds Rache" de Fritz Lang, ou o burlesco de "Die Puppe" de Ernst Lubitsch, ou o satírico de "Tartuffe" de Murnau, ou o cotidiano de "Menschen am Sonntag" de Robert Siodmak.

E se o cinema alemão pôde revelar nesses filmes a dimensão de alguns homens excepcionais como realizadores, para o público não deve ficar esquecido que também nessas fitas apareceram pela primeira vez ou se firmaram para sempre atôres extraordinários como Conrad Veidt, Werner Krausser, Emil Jannings e Fritz Korner, atrizes admiráveis como Greta Garbo, Elisabeth Bergner, Louise Brooks. Pola Negri, Lil Dagover e Henny Porten.

Aquêles que jamais desacreditaram das possibilidades de permanência cultural do cinema, admitindo seu triunfo sobre os ardis da efemeridade, acham aqui, nesta retrospectiva, os mais fortes motivos para a sua convicção, numa experiência consagrada.

Walter da Silveira.